



## O GÊNERO FÁBULA EM UM SUJEITO COM DEFICIT COGNITIVO LEVE

## THE FABLE GENRE IN A SUBJECT WITH A MILD COGNITIVE DEFICIT

## EL GÉNERO DE LA FÁBULA EN UN SUJETO CON DETERIORO COGNITIVO LEVE

 <https://doi.org/10.56238/levv16n53-038>

**Data de submissão:** 10/09/2025

**Data de publicação:** 10/10/2025

**Bruna Maciel Zappi**

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade Cesumar (Unicesumar)

E-mail: brunazappi@gmail.com

**Felipe Signorini Cardoso**

Graduando em Medicina

Instituição: Universidade Cesumar (Unicesumar)

E-mail: felipesencar@gmail.com

**Aline Diniz Gehren**

Mestre e Doutoranda em Promoção da Saúde

Instituição: Universidade Cesumar (Unicesumar)

E-mail: aline.gehlen@unicesumar.edu

**Gisele Signorini Zampieri**

Mestre em Distúrbios da Comunicação

Instituição: Centro Universitário Ingá (Uningá)

E-mail: prof.giselezampieri@uninga.edu.br

### RESUMO

Objetivo: partindo do pressuposto que a atividade linguística é constitutiva do sujeito, esse trabalho busca analisar o gênero discursivo “fábula” em um sujeito portador de demência com déficit cognitivo leve. Métodos: foi analisado transversalmente o caso de um sujeito portador de Esclerose Múltipla que apresentava dificuldades em nível pragmático desenvolvendo o trabalho com o gênero fábula durante o processo terapêutico. Resultado: O sujeito da pesquisa apresentou durante o processo terapêutico uma dificuldade no nível Pragmático, tendo como principal queixa a dificuldade em compreender o seu papel de enunciador, e no decorrer do tratamento houve um entendimento o que levou a algumas mudanças como Enunciador. Conclusão: O processo terapêutico com este gênero textual, foi de fundamental importância, pois permitiu ao sujeito compreender o seu papel enunciativa dentro de uma situação discursiva.

**Palavras-chave:** Demência. Fábula. Características Linguísticas.



## ABSTRACT

Objective: Based on the assumption that linguistic activity is constitutive of the subject, this study seeks to analyze the discursive genre "fable" in a subject with dementia and mild cognitive impairment. Methods: A cross-sectional analysis was conducted of the case of a subject with Multiple Sclerosis who presented pragmatic difficulties, developing work with the fable genre during the therapeutic process. Results: The research subject presented pragmatic difficulties during the therapeutic process, with the main complaint being difficulty understanding his role as enunciator. However, over the course of treatment, understanding emerged, leading to some changes as an enunciator. Conclusion: The therapeutic process with this textual genre was of fundamental importance, as it allowed the subject to understand his enunciative role within a discursive situation.

**Keywords:** Dementia. Fable. Linguistic Characteristics.

## RESUMEN

Objetivo: Partiendo del supuesto de que la actividad lingüística es constitutiva del sujeto, este estudio busca analizar el género discursivo «fábula» en un sujeto con demencia y deterioro cognitivo leve. Métodos: Se realizó un análisis transversal del caso de un sujeto con esclerosis múltiple que presentó dificultades pragmáticas y desarrolló el trabajo con el género fábula durante el proceso terapéutico. Resultados: El sujeto de investigación presentó dificultades pragmáticas durante el proceso terapéutico, siendo la queja principal la dificultad para comprender su rol como enunciador. Sin embargo, a lo largo del tratamiento, emergió la comprensión, lo que condujo a algunos cambios como enunciador. Conclusión: El proceso terapéutico con este género textual fue fundamental, ya que permitió al sujeto comprender su rol enunciativo dentro de una situación discursiva.

**Palabras clave:** Demencia. Fábula. Características Lingüísticas.



## 1 INTRODUÇÃO

As alterações das funções cognitivas têm sido interesse dos estudos na área da fonoaudiologia apenas recentemente, por esta mesma razão as indicações para a clínica fonoaudiológica ainda são restritas pois, muitas vezes, acredita-se que o papel do fonoaudiólogo, no caso das demências, por exemplo, fica restrito ao trabalho com as disfagias. Torna-se nesse caso, importante entender melhor as alterações lingüísticas para que se possa favorecer o trabalho fonoaudiológico.

As demências começaram a ser efetivamente estudadas no século XIX. Um de seus usos médicos foi estabelecido por Celso (30 AC a 50 D.C) e Areteu da Capadócia usa o termo “Demência Senil”. Oribasio, no século IV estabelece a relação entre senilidade e atrofia cerebral. Shakespeare (1564-1616), em 'Rei Lear' cita e diferencia a “Loucura Comum” da “Senil”. Pinel, no início do século XIX ,amplia o conceito clínico e a define como “Ausência de Juízo e Raciocínio”.<sup>1</sup> Em 1892, Arnold Pick descreveu casos de deterioração cognitiva, notadamente da linguagem, associados à atrofia cerebral focal ou circunscrita aos lobos temporais e frontais. Desafiou, portanto, o dogma existente na época de que o processo de degeneração cerebral seria invariavelmente difuso. Em 1911, o Dr. Alois Alzheimer (1864-1915) descreveu o quadro histopatológico relativo a esses pacientes, assinalando a ausência de placas senis e emaranhados neurofibrilares, e a presença de inclusões neuronais (posteriormente denominadas “corpos de Pick”) e de células “balonadas”. Entretanto, ao longo do século XX, esses pacientes com degeneração lobar frontotemporal foram referidos genericamente como portadores de demência, sendo freqüentemente diagnosticados com doença de Alzheimer (DA).

Atualmente, Abreu, Forleza e Barros (2005) definem o temo demência como uma síndrome caracterizada pelo declínio progressivo e global das funções cognitivas, na ausência de um comprometimento agudo do estado de consciência, e que seja suficientemente importante para interferir nas atividades sociais e ocupacionais do indivíduo.

O processo degenerativo ocorre principalmente na comunicação de ideias, apresentando dificuldades como: formar expectativas, fazer inferências e distinguir informação pré – existente de informação nova, dificuldades em tradução de ideias em símbolos linguísticos, problemas com o pensamento abstrato, raciocínio e compreensão de relações lógicas. Os aspectos cognitivos mais preservados são os fonológicos, os sintáticos e os gramáticos. Sendo o conhecimento pragmático e semântico deteriorados primeiro. Ocorrendo dificuldades na manutenção do tópico, discurso com tendência ao tipo repetitivo, tendência ao narrar fatos de experiência pessoal em tarefas de conto ou reconto, dificuldades em respeitar trocas de turno, em geral, problemas de interações dialógicas. (MAC-KAY, ASSÊNCIO – FERREIRA E FERRIR – FERREIRA, 2003).

---

<sup>1</sup> Texto retirado da internet: <http://www.alzheimermed.com.br/>. Acessado em: 03/08/2008.



Para Morato (2005) quando o sujeito apresenta uma dificuldade a nível pragmáticos, acontece do mesmo ter dificuldades de objetivar ou “controlar” os sentidos e a forma de expressá-los tendo em vista os contextos e as regras que presidem a utilização da linguagem: o sujeito as “infrigem” ao confabular, ao produzir circunlóquios, ao apresentar uma fala jargonofásica, ao atuar de maneira irrelevante com relação à atividade inferencial (subtentidos, implícitos, pressupostos, etc.). Sendo que a pragmática envolve, além do conteúdo formal e da prosódia, expressão facial, atividade gestual e postura. E é influenciada pela a relação entre os interlocutores (situação familiar, profissional, entre outros), idade, sexo, níveis social e cultural e esse fatores vão determinar o modo de falar.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004) os gêneros textuais são mega instrumentos que possibilitam a comunicação entre os sujeitos pertencentes a esferas da atividade da comunicação humana. Aprender a falar e a escrever significa ter domínio sobre os gêneros.

Sabe-se que o trabalho com a linguagem é diferenciado a partir de cada gênero textual: fábulas, adivinhas, relatos pessoais, entre outros. A palavra latina *Fabula*, deriva do verbo “conversar”, “narrar”. É um gênero prosaico da fala cotidiana: é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa. Desta forma, a fábula é um gênero textual que possui uma atividade enfática e intersubjetiva que envolve inferências e metáforas.

As fábulas são configurações textuais que apresentam um distanciamento entre aquele que enuncia e a situação enunciativa. O sujeito que enuncia, neste caso, não participa do lugar de enunciação, porque não faz parte da situação discursiva. E por terem uma estrutura textual muito peculiar, assentada em conhecimentos linguístico-cognitivo-culturais, as fábulas e os provérbios exigem um trabalho inferencial, sem o qual é impossível alcançar o seu sentido (GANDOLFO, 1996).

Todas essas características peculiar deste gênero discursivo demanda do leitor/ ouvinte um processamento lingüístico discursivo. Partindo de uma visão discursiva da linguagem, quais serão os caminhos realizados por este sujeito para entender, relacionar e relatar este gênero discursivo? Quais níveis linguísticos estão mais evidentes?

## 2 OBJETIVOS

O objetivo desta pesquisa é analisar o gênero discursivo “fábula” em um sujeito portador de demência com déficit cognitivo leve.

## 3 METODOLOGIA

A pesquisa em questão foi realizada na Clínica de Fonoaudiologia da Universidade Tuiuti do Paraná, tomando como objeto o caso clínico de um sujeito portador Esclerose Múltipla com déficit cognitivo leve. Sendo realizado uma análise transversal.



O processo de avaliação e durante todo o processo terapêutico, foram utilizados como procedimentos terapêuticos o gênero textual fábulas retiradas do livro “*As fábulas de Ésopo*”, e em seguida ocorria uma análise em conjunto com He sobre a história investigando primeiramente o que estava explícito e após a moral da história (implícito).

Assim com base numa perspectiva discursiva, que tem como princípio constitutivo da linguagem o dialogismo, e considera que o discurso não é individual, mas se constrói entre pelo menos dois interlocutores (BRAIT, 2005), que os dados do processo terapêutico foram desenvolvidos e analisados no decorrer dos seis meses.

A avaliação de linguagem que deriva dessa perspectiva relaciona-se aos processos de descoberta e conhecimento das dificuldades que o sujeito apresenta, bem como aos processos alternativos de significação de que lança mão para com eles lidar. A avaliação leva em conta para constituir-se em meio às várias práticas discursivas em que o sujeito se engaja. Avalia-se o sujeito inserindo em uma comunidade lingüística e cultural, em meio a práticas significativas com e sobre a linguagem. (COUDRY, 2002).

Para Macedo (2006), é por meio de uma atividade contextualizada que é possível compreender a capacidade de um sujeito atuar com a linguagem, sem reduzi-la simplesmente à metalinguagem. E o trabalho com diferentes gêneros textuais permite ao paciente exercer um trabalho lingüístico discursivo específico para cada um em específico.

Bronckart (2006) reflete a respeito de gênero discursivo, como sendo um *instrumento fundador e organizador das funções psicológicas superiores*. Para que o trabalho com o gênero textual seja dinâmico é necessário que o sujeito domine as capacidades de linguagem. Capacidades essas citadas pelo autor compostas por: capacidade discursiva e a capacidade lingüístico discursiva que devem funcionar harmoniosamente.

Para Bakhtin os gêneros discursivos são decorrências direta das formas representativas do mundo prosaico e é no mundo das comunicações interativas da vida cotidiana que o processo combinatório dos gêneros discursivos manifesta sua virtualidade. (BRAIT, 2005).

## 4 RESULTADOS

He, é um senhor de 52 anos, casado pai de 2 filhas, com grau de escolaridade superior. Trabalhava como engenheiro eletrônico. É portador de Esclerose Múltipla com déficit cognitivo leve. Possui como características lingüísticas principais dificuldades em nível pragmático, ou seja, problemas em: manter tópicos, progressão dos enunciados e manejo nos elementos inferenciais. Não apresenta dificuldade de compreensão e suas atividades preferidas são: ler jornal, preencher caça palavras e assistir TV.



Segundo os últimos exames realizados pelo paciente (19/04/2007) em comparação ao exame realizado anteriormente nota-se o aparecimento de uma nova lesão com realce do contraste na região frontal do hemisfério cerebral direito configurando lesão em atividade, assim como moderada hidrocefalia supratentorial, cujas dimensões dos ventrículos laterais são maiores que no exame anterior.

A família mediante ao laudo dado pelo neurologista “Esclerose múltipla, com déficit cognitivo leve”, procurou atendimento fonoaudiológico para retardar os sintomas da demência. Desta forma, foi abordado um processo terapêutico baseando-se em uma visão discursiva da linguagem e mais especificamente com o gênero fábula, pois este faz parte de um gênero narrativo que possui aspectos inferenciais, metafóricos, relações com conhecimento do mundo, que demandam do leitor/ ouvinte um processamento lingüístico específico.

Quanto ao contexto familiar, He, convive com a esposa, que é pianista e após a descoberta da doença do marido começou a trabalhar no ramo de construção civil, e com as duas filhas sendo a mais velha estudante de medicina e a outra estudante de direito. De uma forma geral, a família possui um bom hábito de leitura escrita. Segundo o relato do paciente o ultimo livro que leu foi “*Capitão Montenegro*”.

Hoje sua rotina consiste em assistir TV, jogos de futebol, jogos de quebra – cabeça e baralho.

Após o inicio do processo terapêutico o paciente foi submetido a um tratamento quimioterápico, para tentar conter o avanço da doença ficando três semanas internados. Com o seu retorno iniciou-se novamente os trabalhos com a fábula.

No inicio notou-se que o paciente apresentava dificuldades em: recontar o que havia lido utilizando o texto para apoio, fugia do tópico, não conseguia separar o que estava implícito no texto, não entendia qual era o momento de sua fala e o que era da fábula e em alguns momentos apresentava algumas confabulações.

He freqüenta a seis meses uma terapia de linguagem e o trabalho prosseguiu por atividades envolvendo as “*Fábulas de Esopo*”. O paciente foi gradativamente assumindo seu papel mediante a fábula e nas ultimas histórias já conseguia entender a moral da história sem ajuda da terapeuta e dar sua opinião sobre o texto.

Na primeira sessão a terapeuta levou a fábula da “Raposa comilona”, sendo que o paciente realizou primeiramente uma leitura em voz alta e em seguida a terapeuta também leu a fábula e foi realizada uma discussão da mesma. Mediante as dificuldades a terapeuta trabalhou com a mesma fábula durante três sessões seguidas.

Durante todo o processo terapêutico He foi assumindo uma posição mais participativa das atividades propostas, chegando a exemplificar a moral da fábula com fatos do seu cotidiano.



## 5 DISCUSSÃO

A figura 1 é um recorte da primeira sessão, no qual trabalhou-se com a fábula da “Raposa comilona. A terapia iniciou-se com a leitura da fábula, primeiro o paciente leu em voz alta, realizando uma leitura pausada e não obtendo uma compreensão do texto, a partir disto a terapeuta releu a história. Em seguida realizou-se a discussão da mesma.

FIGURA 1 – Transcrição da sessão realizada pelos autores

L1 Inv: O que da pra gente entender? Conseguiu entender alguma coisa?  
L2 He: Nem sempre a fartura é vantagem ... ... Ele comeu tanto a fartura  
L3 Inv: E o que aconteceu?  
L4 He: Ela não conseguiu mais sair  
L5 Inv: Se trouxermos para o dia de hoje essa moral da historia “Nem  
L6 sempre a fartura é uma vantagem, como normalmente se pensa”. O que L7 as pessoas pensam hoje?  
L8 He: Que a fartura é uma vantagem  
L9 Inv: Que a gente precisa ter muito dinheiro, vou trabalhar para ter luxo, L10 fartura, mas nem sempre  
é bom  
L11 He: É verdade  
L12 Inv: O que você acha qual a sua opinião?  
L13 He: É boa ... é isso ...  
L14 Inv: Como que:: o que eles acham que é essa vantagem? O que a  
L15 fartura vai trazer de vantagem? O que as pessoas acham que vão  
L16 trazer de vantagem?  
L17 He: Um monte de coisa ... um monte de dinheiro ...  
L18 Inv: Muito dinheiro ... o que mais?  
L19 He: Um carro mais novo ... Isso ae!  
L20 Inv: E porque normalmente não é como se pensa? E qual o problema L21 de tudo isso? Se a gente  
for pensar é muito bom, carro bom, dinheiro, L22 mas porque não é só isso ... O que tem por traz?  
L23 Inv: É bom .. é ...que você tem muito dinheiro por exemplo você fica L24 alvo de coisas que antes  
você não era ... ... A fartura é uma vantagem, L25 por exemplo ... te muito dinheiro é bom aí , mas por  
outro lado, não é L26 como se pensa ... tem muito dinheiro trás bandidos ...  
L27 Inv: Então as desvantagens é os bandidos:  
L28 He: É ...

Fonte: Autores.

Morato (2005) relata que ao ser acometido de uma lesão a nível pragmático o sujeito passa a ter dificuldades para objetivar ou “controlar” os sentidos e a forma de expressá-los tendo em vista o contextos e as regras (pragmáticas, socioculturais) que presidem a utilização da linguagem: o sujeito as “infringe” ao confabular (produzir falsas informações ou falsas memórias), ao produzir circunlóquios, ao apresentar uma fala jargonofásica (uma fala permeada de abundantes parafasias de diversas naturezas, de modo parecer ininteligível para o interlocutor), ao atuar de maneira irrelevante com relação à atividade inferencial (subtendidos, implícitos, pressupostos, etc.)

No caso específico de He as características mais marcantes em seu discurso com este gênero textual restringe ao trabalho com a atividade inferencial, manter o tópico e em alguns momentos produzir circunlóquios.

Observando as linhas 2,4 e 8, percebe-se que He não conseguia distinguir o que era trecho de sua fala e o que era do texto. Desta forma, observa-se a dificuldade em se manter o discurso.

As linhas 8, 11, 17, 19, 28 demonstram a dificuldade do paciente perante os aspectos implícitos na sua própria língua, sendo necessário à intervenção da terapeuta, para um entendimento maior.

Mac-Kay, Assencio-Ferreira e Ferri-Ferreira (2003) relatam que uma das maiores dificuldades dos sujeitos com demência é a perda da habilidade em lidar com particularidades do discurso, como: formar expectativas, fazer inferências, distinguir informações preexistente de informação nova e a grande dificuldade com pensamento abstrato. Dificuldades essas encontradas nas linhas identificadas.

De acordo com Coelho (2007) a fábula é a narrativa de natureza simbólica de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. Geralmente esse animais são representados por raposas, pavões, lobos, ovelha, formiga, cegonha, cigarra. Sendo que cada um deles representa/ apresenta características tipicamente humanas, geralmente essas narrativas apresentam explicita e implicitamente uma lição de moral.

Por apresentar segundo Gandolfo (1996) um estrutura textual muito peculiar, assentada em conhecimentos lingüístico – cognitivo – cultural este gênero discursivo exige um trabalho inferencial, para ser possível alcançar a “moral” da história. Trabalho este prejudicado em He.

Diante das dificuldades apresentadas pelo paciente a escolha das “fábula de Esopo” tem notável relevância pois possuem como características a concisão e a objetividade, o que as aproxima das narrativas atuais. A *efabulação* inicia-se de imediato com o motivo central da história e os acontecimentos se sucedem num ritmo acelerado. Esopo traz uma moral explícita e sua importância em relação ao corpo da fábula pode ser notada quando comparamos a extensão da história e da moral. Apesar de essa depender do corpo da fábula, tem extensões muito semelhantes. (COELHO, 2007).

A figura 2 mostra a evolução do trabalho inferencial de He, no decorrer do processo terapêutico, demonstrando que o paciente começou a utilizar o seu discurso dentro de uma atividade dialógica, utilizando palavras suas e tomando o seu lugar de enunciador.



FIGURA 2 – Transcrição da sessão realizada pelos autores

(...)

L29 Terap: Vamos relembrar a nossa fábula?  
L30 He: Do ... da... raposa  
L31 Terap: OI?  
L32 He: Du ... cara barrigudu  
L33 Terap: DU CARA? Quem tava Barrigudo?  
L34 He: a raposa:::  
L35 Terap: AH:: RAPOSA ... O que que a fez naquela fábula?  
L36 He: Comeu TUDO!  
L37 Terap: entrou pelo buraco e comeu tudo. E aí o que aconteceu?  
L38 He: comeu tudo e depois não conseguia sair, ué! ((gestos com a mão também))  
L39 Terap: E ae o que aconteceu?  
L40 He: Apareceu outra raposa!  
L41 Terap: E o que a outra raposa disse para ela?  
L42 He: ÉH: (...) devia se controlar para :: ... é .. para não causar essas  
L43 implicações ... Assim, essas implicações assim ...  
L44 Terap: E o que ela tinha que fazer para sair do buraco?  
L45 He: ia te que espera ...  
L46 Terap: E qual era a moral da história?  
L47 He: Tem que tomar cuidado com o que nos faz!

(...)

Fonte: Autores.

Esta sessão ocorreu dois meses após o primeiro contato com a fábula. Antes de ser inserido uma nova história a terapeuta retoma a que já havia sido trabalhada. Este trabalho de linguagem aqui está intimamente relacionado à possibilidade de reconhecimento dos interlocutores daquilo que está sendo falado.

Para Foucault (1969) a linguagem vai se constituindo como um lugar de materialidade da memória. E é através da linguagem, podemos “checar” e “(re) constituir” memórias próprias e alheias, do presente e do passado. É por ela que a memória se constitui num ato de reflexão sobre seus conteúdos e formas cada vez que os evoca e é a partir da linguagem que podemos transformar em novo o retorno do evento.

Neste segundo episódio He, já se coloca dentro da situação discursiva, tendo ainda intervenção da terapeuta mas, percebe-se que seus colocações já estão mais próximas do sentido implícito da fábula.

Na figura 3, a terapeuta inicia o trabalho com outra fábula, tendo em mente que a introdução de um fato recente sempre apresenta uma dificuldade maior. He demonstra uma evolução em seu momento enunciativo. Mac Kay (2004) salienta a importância do relato imediato de histórias e relato posteriorizado (conto e reconto) para o trabalho fonoaudiológico com pacientes demenciados.



FIGURA 3 – Transcrição da sessão realizada pelos autores

(...)

L48 He: Ela pegou as uvas e depois ficou tentando pegá-las. E não consegui pegar.

L49 Terap: Então ela não conseguiu pegar?

L50 He: É:: aí ela falou que estavam verdes

L51 Terap: Pelo que dá para entender aqui será que as uvas estavam maduras ou ela só

L52 disse isso porque não conseguiu pegar.

L53 He: Eu acho que é porque ela não conseguiu pegar

L54 Terap: E a moral da história o que quer dizer?

((Silêncio))

L55 Terp: ((Lê a moral da história)) Para uma pessoa vaidosa, é difícil

L56 reconhecer as próprias limitações, abrindo assim caminho para as

L57 desventuras ... O que será que quer dizer?

L58 He: Uma pessoa vaidosa, é uma pessoa que tem muita vaidade..

L59 Terap: É uma pessoa que admira suas qualidades, gosta de fazer as

L60 coisas para si mesmo, se acha boa em tudo.

L61 He: Ai ... ela ... não reconhece que não conseguiu fazer ...

L62 Terap: O que você acha que está querendo dizer?

L63 He: Que devemos reconhecer quando a gente não consegue fazer

L64 alguma coisa ... tem que ser franco para falar abertamente os erros

L65 para as pessoas...

(...)

Fonte: Autores.

No inicio da sessão foi feito uma leitura da fábula, o sujeito apresentou uma leitura mais dinâmica, compreendendo o que estava escrito, respeitando pontuações, com ritmo, melodia e não realizou apenas uma codificação. Em seguida, foi feita uma discussão sobre a história.

Na linha 48 observa que o paciente inicia o turno sem interferência da terapeuta e o consegue manter durante todo o discurso. Segundo Romero (2005) nos estágios iniciais da demência o sujeito tende a repetir idéias e uma dificuldade em introduzir tópicos durante um discurso e mantê-los de forma coerente. Estes fatos ainda são observados na figura 3, mas menos evidente se comparados com a figura 1. O que deixa o discurso do paciente mais claro e rico em detalhes.

Lendo o trabalho realizado pelo paciente a partir da moral da historia (Linhas 55 a 65) mostra que apesar de ainda não conseguir apreender o sentido total da moral da fábula, He se coloca no discurso, consegue separar o que é da fábula e o que faz parte do seu cotidiano. Exercendo assim um trabalho com a relação de aos sentidos.

Para Lúria (1979) o sentido das fábulas não se resume à historia de algum episodio da vida dos animais, mas consiste em revelar aquelas relações que constituem o sentido do significado moral da



fábula. Assim, a figura ou metáfora é traço fundamental dessa forma de obra de arte, sendo exigência básica da interpretação do conteúdo externo para o sentido interno.

## 6 CONCLUSÃO

Considerando o objetivo desse estudo que foi de analisar o gênero discursivo “fábula” em um sujeito portador de demência com déficit cognitivo leve, tendo em vista o processo interativo estabelecido entre o Sujeito e o Paciente, é possível concluir que o papel do interlocutor aparece como importante no processo de recontagem da história, atuando como um co-autor de seu discurso e direcionando o sujeito para o tema e pelos aspectos inferências contidos neste gênero discursivo.

A instabilidade no manejo dos elementos implícitos da língua (seja por não considerar o que está subtendido no enunciado, seja por pressupor um sistema de referência distinto daquele utilizado pelo seu interlocutor) altera o processo de significação, tanto da sua própria fala como da tarefa interpretativa de seu interlocutor. A dificuldade em trabalhar com a polifonia contida na língua altera o processo de significação, sendo esta alteração expressa de duas maneiras: pela dificuldade em saber qual é a posição que deve ocupar para sujeito do seu próprio enunciado. (GANDOLFO, 1996).



## REFERÊNCIAS

- Abreu, I.D.; Forlenza, O.V.; Barros, H.L. Demência de Alzheimer: correlação entre memória e autonomia. IN: *Revista de Psiquiatria Clínica*. 32 (3); 131-136, 2005
- MORATO, E. Neurolinguistica. In: Introdução à linguistica I. Ed. Cortez. 7<sup>a</sup> Ed. 2005.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.
- COUDRY, M. I. Linguagem e Afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguistica. In: Cadernos de estudos lingüísticos. Campinas. Jan/ Jul. 2002.
- MACEDO, H. O. A relação oralidade/ letramento na semiologia das afasias. In: Cardernos de estudos lingüísticos XXXV, p.909 – 917, 2006.
- BRONCKART, J..P. *Atividades de Linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.
- MAC-KAY, A.P.G.; ASSENCIO-FERREIRA, V.J. e FERRI-FERREIRA, T. M. S. Afasias e demências: Avaliação e tratamento fonoaudiológico. São Paulo: Santos, 2003.
- COELHO, L. M. R. As faces D' raposa e as uvas. In: Revista Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 52, p. 28 – 39, julho/ 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. [Original publicado em 1969]
- GANDOLFO, M. C. As margens do sentido. São Paulo: Plexus Editora, 1996.
- MAC-KAY, A.P.M.G. Distúrbios de linguagem: Demência. In: RUSSO, I. P. Intervenção fonoaudiológica na terceira idade. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.
- ROMERO, S. B. Intervenção fonoaudiológica nas demências. In: ORTIZ, K. Z. (Org.). *Distúrbios neurológicos adquiridos*. Barueri, SP: Manole, 2005. p. 313–329
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LURIA, A. R. *Neuropsychological studies in aphasia*. Washington, DC: V. H. Winston & Sons, 1979.



## ANEXOS

### A RAPOSA E AS UVAS

“UMA RAPOSA, QUE ESTAVA  
MORTA DE FOME, VIU ALGUNS CACHOS  
DE UVAS MADUROS E PENDURADOS  
NAS GRADES DE UMA  
VIDEIRA.  
ELA, ENTÃO, USOU TODOS OS  
SEUS DOTES E ARTIFÍCIOS PARA ALCANÇÁ-  
LOS, MAS SE CANSOU EM  
VÃO, POIS NADA CONSEGUIU.  
POR FIM, DEU MEIA-VOLTA E FOI  
EMBORA. CONSOLANDO A SI MESMA,  
MEIO DESAPONTADA, DISSE:  
"OLHANDO COM MAIS ATENÇÃO,  
PERCEBO AGORA QUE AS UVAS ESTÃO  
ESTRAGADAS E NÃO MADURAS  
COMO IMAGINEI A PRINCÍPIO."

### MORAL DA HISTÓRIA:

PARA UMA PESSOA VAIOSA, É DIFÍCIL RECONHECER AS PRÓPRIAS LIMITAÇÕES,  
ABRINDO ASSIM CAMINHO PARA AS DESVENTURAS.

### A RAPOSA GULOSA

A RAPOSA É UM ANIMAL PRUDENTE E OBSERVADOR. COMO TODO BOM LADRÃO, ANTES DE DAR UM GOLPE, ESTUDA ATENTAMENTE A SITUAÇÃO PARA NÃO CORRER RISCOS DESNECESSÁRIOS. A RAPOSA MÉGARA NÃO FUGIA À REGRA E, COMO ANDAVA DESEJANDO PROVAR O QUE OS PASTORES COMIAM NA HORA DO ALMOÇO, ADQUIRIU O HÁBITO DE OBSERVÁ-LOS DE LONGE, ESCONDIDA ATRÁS DO MATAGAL.

TODOS OS DIAS ELES CONDUZIAM SUAS OVELHAS PARA O MESMO LUGAR E SEMPRE PARAVAM PARA COMER DEBAIXO DE UM IMENSO CARVALHO, QUE ESPALHA SUA SOMBRA TORNANDO A CLAREIRA FRESCA E AGRADÁVEL.

ALI DESCANSAVAM, CONVERSAVAM, COMIAM. E A RAPOSA FICAVA FURIOSA, VENDO AQUELAS DELÍCIAS DESAPARECEREM NAS BOCAS VORAZES DOS PASTORES, AO SOM DOS RESMUNGOS DO SEU POBRE ESTOMAGO FAMINTO ... E ELA SONHAVA COM O DIA EM QUE PORIA AS PATAS EM TODA AQUELA COMIDA!

E, DE TANTO ESPERAR, A OCASIÃO CHEGOU.

— EI! GRITOU UM DOS PASTORES --- VEJAM ISSO! ESTER CARVALHO É OCO! O QUE VOCÊS ACHAM DE, EM VEZ DE CARREGARMOS SACOLAS DE COMIDA, AS ESCONDERMOS AQUI DENTRO? PODEMOS PEGÁ-LAS NA VOLTA.

OS OUTROS APROVARAM E, NO DIA SEGUINTE, ASSIM FIZERAM.

MEGÁRA FICOU CONTENTÍSSIMA. ERA TUDO O QUE ELA QUERIA: FICAR SOZINHA COM AQUELES MANJARES, POR UMA HORA OU DUAS ... COMO ELA JÁ SABIA QUE ELES PASSAVAM DE MANHÃ BEM CEDO E VOLTAVAM POUCO DEPOIS DO MEIO – DIA, ESTAVA PERFEITO. E ELA NÃO VACILOU: ASSIM QUE ELES VIRARAM AS COSTAS, ELA SAIU DE MANSINHO POR DETRÁS DA MOITA E DESAPAREceu DENTRO DO CARVALHO.

FOI UMA FESTA! ERA AINDA MAIS GOSTOSO DO QUE ELA SONHARA. AZEITONAS SECAS NO FORNO, PEQUENAS E SALGADAS, PEDAÇOS DE CARNEIRO FRESCO, PÃES E QUEIJO ... EM POCOS MINUTOS ELA RASGARA AS SACOLAS COM OS DENTES E SÓ SOBRARAM OS OSSOS, BEM DESCARNADOS, E, CLARO O ODRE DE PELE CHEIO DE VINHO, QUE ELA NEM TOCOU.

— SINTO-ME TÃO BEM .... SUSPIROU A LADRA, LAMBENDO OS BIGODES. — ACHO QUE AS AZEITONAS ESTAVAM SALGADAS DEMAIS; ESTOU COM TANTA SEDE ... — E, METENDO A CABEÇA



PARA FORA DO BURACO, A FIM DE VERIFICAR SE NÃO HAVIA NINGUÉM POR PERTO FEZ MENÇÃO DE SAIR.

SIM, PORQUE ELA SIMPLESMENTE NÃO CONSEGUIU PASSAR PELO BURACO!

UÉ! — EXCLAMOU, SURPRESA. — DIMINUÍRAM A ABERTURA?

PRECISOU DE ALGUNS SEGUNDOS PARA PERCEBER QUE COMERA DEMAIS E SUA BARRIGA CRESCERA. COMEÇOU A LASTIMAR EM VOZ ALTA, TÃO ALTA, QUE CHAMOU A ATENÇÃO DE OUTRA RAPOSA QUE POR ALI PASSAVA. ERA, INCLUSIVE, UMA VELHA CONHECIDA.

MÉGARA! O QUE ACONTEceu? — PERGUNTOU A OUTRA.

NÃO VÊ? COMI DEMAIS E, AGORA, NÃO CONSIGO SAIR! — EXPLICOU ELA.

— PROBLEMA DE FÁCIL SOLUÇÃO! — DECLAROU A AMIGA — ESPERE UM POUCO. QUANDO A SUA PANÇA VOLTAR AO TAMANHO DE ANTES, VOCÊ SAIRÁ, FACILMENTE.

ERAM PALAVRAS CHEIAS DE BOM SENSO. COMO ELA SABIA QUE OS PASTORES AINDA DEMORARIAM, FOI O QUE FEZ. E PROMETEU-SE QUE, DA PRÓXIMA VEZ, SERIA MENOS GULOSA ...

## **MORAL DA HISTÓRIA:**

NEM SEMPRE A FARTURA É UMA VANTAGEM, COMO NORMALMENTE SE PENSA.